

RUA MÁRIO SIQUEIRA

Lei nº 503 de 06-março-1961

Formada pela rua "E" do Jardim Santo Antonio e Jardim Botafogo

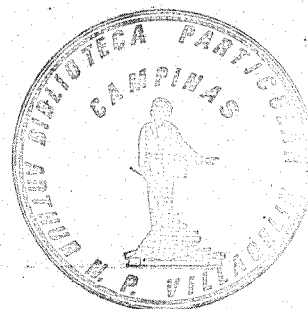
Início na rua Da. Anita Mayer

Término nos muros do Instituto Agronômico de Campinas, junto à antiga Estação Guanabara da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, atual Fepasa.

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Miguel Vicente Cury.

MÁRIO ESTEVAM DE SIQUEIRA

Mário Estevam de Siqueira nasceu em Jundiaí, SP, aos 27-09-1873 e faleceu em Campinas aos 08-04-1949. Era filho do dr. Estevam José de Siqueira e Maria da Glória do Amaral Siqueira e foi casado com Leontina Carvalho Siqueira. Vindo para Campinas ainda jovem, desde cedo mostrou sua inteligência arguta e o profundo conhecimento que tinha dos homens e das coisas e, mais ainda, sua aversão à inércia, ao indiferentismo, ao comodismo. Por seu valor, sua simplicidade, constituiu-se num trabalhador incansável, lutador, prodigioso, conquistando invejável posição social na sociedade campineira. Convidado pelo Conselheiro Antonio Prado, aceitou e aos 06-10-1900 foi investido no cargo de Gerente da agência de Campinas do Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo, que ocupou por longos 47 anos, com dedicação e integridade ímpar. Participou ativamente da vida campineira em seus mais variados setores, sempre contribuindo, e de modo valioso. Presidiu a antiga Companhia Campineira de Tração, Luz e Fôrça, posteriormente transformada em Companhia Paulista de Fôrça e Luz; foi também Presidente das Companhias de Fôrça de Itatiba, Piracicaba, Pinhal e Amparo; presidiu a extinta Companhia Campineira de Águas e Esgotos, onde teve brilhante atuação, contribuindo de maneira decisiva para que essa empresa passasse para o domínio do Município campineiro, o que realmente ocorreu, com enorme vantagem para o erário público; foi presidente do Teatro São Carlos e do Instituto Profissional "Bento Quirino", com proficientes atuações; foi presidente da "Apa Filmes" de Campinas, considerada a primeira indústria cinematográfica surgida no país; foi diretor do Jôquei Clube de Campinas, do Clube Campineiro, do Clube Concordia, da Maternidade de Campinas, do Asilo dos Inválidos de Campinas e membro da Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Durante a conflagração mundial de 1914-18, foi diretor da Liga de Defesa Nacional, de Campinas. Político, pertenceu ao diretório do Partido Republicano Paulista e no jornalismo, foi diretor-proprietário da "Gazeta de Campinas", até 1930, quando foi fechada por ocasião do movimento revolucionário. Teve intensa participação durante a epidemia de 1918 e em 1932, não ficou alheio ao Movimento Constitucionalista paulista, contribuindo para o sucesso daquela patriótica jornada.



Lei n. 503, de 6 de Março de 1951

Dá o nome de «Mário Siqueira» a uma rua da cidade

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada “MÁRIO SIQUEIRA” a Rua E do Jardim “Santo Antônio” e “Jardim Botafogo”, tendo início na praça circular do 1.º loteamento e terminando na Rua Eng.º Cândido Gomide.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 6 de março de 1951.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 6 de março de 1951.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

Mário Siqueira

(Começa na rua Anita Mayer, no Jardim Santo Antonio e prolonga-se rumo à Estação do Guanabara, beneficiando o Jardim Botânico).

A denominação foi dada pela Lei n. 503, de 6 de Março de 1951. Tem 15 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS:

Mário Estevam de Siqueira, nascido na cidade de Jundiá, neste Estado, aos 27 de Setembro de 1873, e falecido em Campinas, aos 8 de abril de 1949, era filho do dr. Estevam José de Siqueira e de d. Maria da Glória do Amaral Siqueira. Radicou-se em Campinas desde moço, conquistando pelo seu valor, sua simplicidade, posição social invejável na sociedade campineira.

De sua rápida e saudosa estadia na Princesa D'Oeste, justo é destacar-se as seguintes atividades: Gerente do Banco do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo, Agência de Campinas, durante 47 anos, cargo para o qual foi convidado pelo Conselheiro Antônio Prado, e investido aos 6 de Outubro de 1900. Foi presidente da antiga Companhia Campineira de Tração, Luz e Fôrça, hoje Companhia Paulista de Fôrça e Luz; Presidente das Companhia de Fôrça de Itatiba, de Pinhal, de Piracicaba e de Amparo; Presidente da extinta Companhia Campineira de Águas e Esgótos, tendo grandemente contribuído para

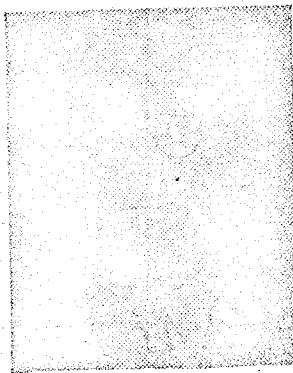
que ela passasse para o domínio do Município, o que realmente aconteceu com grande vantagem para o erário público; Presidente do Teatro S. Carlos; Presidente do Instituto Profissional Bento Quirino, e membro da diretoria de várias instituições de caridade, de nossa cidade; Diretor do Jockey Clube; do Clube Campineiro; do Clube Concordia; da Maternidade de Campinas; do Asilo de Invalidos; Presidente da "Apa Filmes" de Campinas, a primeira indústria cinematográfica surgida no Brasil; Diretor da Liga de Defesa Nacional, criada por ocasião da Guerra de 1914; Membro da Mesa da Santa Casa de Misericórdia.

Como político, foi membro efetivo do Diretório do Partido Republicano Paulista, e como jornalista, foi diretor-proprietário do jornal "Gazeta de Campinas", até o seu desaparecimento, por ocasião do Movimento de 1930.

Por ocasião da epidemia da gripe de 1918, o seu nome esteve intimamente ligado às instituições que trabalharam no combate ao flagelo, que se transformara em verdadeira tragédia para a nossa cidade. Em 1932, Mário Siqueira não permaneceu alheio ao Movimento Constitucionalista de São Paulo, contribuindo sobremaneira para o êxito da memorável arrancada.

Foi, ainda, sócio benemérito de várias instituições recreativas, religiosas e beneficentes.

Não, não é preciso o milagre da morte para o fazer maior, mais humano, mais puro. Ao contrário ela o diminui, amesquinha-o, nivela-o. Porque lhe apaga os contrastes, o jogo de luz e sombra, que era a sua essência, a sua força, a sua marca original.



Não posso imaginá-lo inerte, silencioso, nesse eterno alheamento de tudo e de todos. Não é possível vê-lo assim, a ele que era o desmentido vivo da inércia, a negação do indiferentismo, avesso à tacita cumplicidade cotidiana dos pequenos e grandes males.

Era difícil aferi-lo pelo padrão comum dessa mediania que, por hábito ou convenção, louvamos a cada instante, sem análise e sem entusiasmo. Mário escapava aos cânones consagrados: não haveria morte que lhe contivesse a dinâmica interior, exuberante, privilegiada, e, até mesmo, estranha para o seu tempo e sua gente. Dai por vezes incompreensões, antipatias, desafeições, a que os mais íntimos deixavam-se instantaneamente arrastar.

Sua psicologia era de fato desnorteante, complexa, inabordable, à primeira vista. Mas isto que em regra inspira receio e desconfiança ao coração humano, em Mário Siqueira era o encanto que atraía por fim a todos, amigos ou adversários. No fundo era um bom e um simples, porém forrado de uma inteligência pronta e arguta, conhecedor dos homens e das coisas como deveria ser um autêntico "self-made man".

Pois Mário era assim: dava a impressão de uma mentalidade formada em outras terras, ele que era brasileiríssimo e patriota até a medula e que reunia as nossas qualidades e os nossos defeitos, a nossa vivacidade, o nosso mefianismo, a índole sentimental, a nossa modéstia, a nossa desambição. E tudo de mistura com a lógica implacável de um homem de negócios. Isto é que era admirável e desconcertava e muita vez enganava quantos se comprazem no exame perfunctório das aparências.

Sim, era um estranho "business-man" esse que, conhecendo a fundo o seu "métier", trabalhador incansável e prodigioso, com mil e uma oportunidades a sua frente, talvez tenha chegado ao céu com as mãos vazias, numa época em que a madracaria e a ignorância acumulam fortunas. Tal era Mário Siqueira, e, na calada da noite, ao traçar estas linhas, parece-me vê-lo ao meu lado, com aquele sorriso meio irônico, meio triste, que lhe adocava a fisionomia quando alguém se retratava de um juízo apressado a seu respeito.

Mário Siqueira não ocupou as posições que merecia, ou, melhor, que o mereciam, porque, na verdade, ele não as procurou, e nem ao menos as desejou. Seu mundo era Campinas; aí se confinava, como num relicário, todo o seu transbordante amor pelo Brasil e por São Paulo. Bem fora Campinas ninho de abolicionistas e republicanos. E, contudo, que ampla convergadura de político e administrador nele se continha! Mas não cedia um milímetro do seu sonho interior. Bem apurado, era um rebelde: não tinha a volúpia do mando, mas ardia de inconformismo, mau grado a lealdade política, que nele era um culto, e a disciplina a que se obrigava. Mas tinha os olhos bem abertos para o futuro: compreendia-o e apontava-lhe a marcha. Poucos o ouviam e quase nenhum se convenciam. Mas era um simples soldado e marchava, em paz com a consciência, e com o dobro de coragem. E com o sentido esportivo da vida: para a frente, como sempre dizia, caravanista intrepido que não olhava para os lados, tolerante sem afetação, sem distinguir credos ou raças, um desses homens raros que, do seu horizonte municipal, abrangem com os olhos do espírito, compreensivos e cordiais, toda a imensa família humana, de que a Pátria são os parentes mais próximos, de que a terra natal ou adotiva é um prolongamento do próprio lar. Em Mário Siqueira havia a harmonia dos contrários como diria Marejkowsky. Só tinha uma incapacidade: a de fazer o mal.

Por tudo isso lhe guardamos, seus amigos, a mais clara estima. Por tudo isso, aqui estou interpretando, por eles, no trigésimo dia do seu passamento, o seu belo espírito, e a saudade que nos ficou.

Parece-me vê-lo de novo, diante de mim, com o mesmo sorriso, meio triste, meio irônico, a acompanhar a pena sobre o papel, como a aprovar — já agora acima do bem e do mal, da vaidade e da modéstia, das lutas e das paixões — o rápido perfil que lhe tracei e dizer-me, despedindo-se com aquela firmeza e domínio da emoção tão peculiares:

"Alvarito, boa noite!"

"Boa noite, Mário Siqueira!"



Cam